

---

## *Faces da presença e da participação de imigrantes italianos na história do Rio Grande do Sul: aspectos da trajetória de Celeste Gobbato (1912-1924)*<sup>1</sup>

*Katani Maria Nascimento Monteiro\**

---

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos da trajetória do imigrante italiano Celeste Gobbato no Rio Grande do Sul entre 1912, quando deixa a Itália, e 1924, ano em que é eleito intendente de Caxias do Sul. Busca-se, através desse caminho, apresentar facetas da presença e da participação de imigrantes na história deste Estado.

**Palavras-chave:** imigrantes, Celeste Gobbato, biografia.

**Abstract:** The aim of this article is to present a few aspects of the career path of the Italian immigrant Celeste Gobbato in Rio Grande do Sul between 1912, when he leaves Italy, and 1924, when he is elected intendant of Caxias do Sul. This way has been chosen to facilitate to show elements related to the presence and participation of immigrants in the history of this state.

**Key words:** immigrants, Celeste Gobbato, biography.

---

Sabe-se que houve, no Brasil, uma considerável variedade de personalidades entre os imigrantes de diversas nacionalidades que para cá vieram, incluindo desde pessoas “humildes” e “ordeiras”, bem como as “prepotentes” e “reivindicadoras”. Eles se somaram e formaram uma sociedade com valores, práticas e hábitos muito diferenciados, que marcaram a nossa história, delimitaram regiões e se estabeleceram definitivamente no Rio Grande do Sul, institucionalizando seus hábitos.

São diversas as atividades exercidas pelos imigrantes italianos que aqui chegaram a partir da segunda metade do século XIX. Embora a maioria deles se deslocasse para as zonas rurais onde atuavam como pequenos agricultores, nas cidades, eles exerceram diferentes profissões. Em Porto

---

\* Mestre em História do Brasil pela PUCRS. Professora no Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul; e-mail: katanim@terra.com.br

Alegre, por exemplo, já a partir de 1885, encontram-se imigrantes italianos trabalhando como professores, músicos, sapateiros, operários, comerciantes, hoteleiros, carpinteiros, pedreiros, alfaiates, etc.

No Rio Grande do Sul do início do século XX, verifica-se a presença de especialistas estrangeiros que vêm para trabalhar no aprimoramento de técnicas agrícolas e do ensino profissionalizante.

Este artigo tem como ponto norteador um nome. Na observação de Carlo Ginzburg, “o nome revela-se uma bússola preciosa para o acesso a toda uma rede de relações sociais” (Ginzburg, 1989, p. 175). Na investigação micronominal, conforme este autor, as linhas que convergem para o “nome” e que dele partem, permitem “a composição de uma espécie de teia de malha fina, que dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido” (Ginzburg, 1989, p. 175). Desse tipo de investigação, conclui Ginzburg, pouco a pouco emerge uma biografia.

Por muito tempo o gênero biográfico esteve à margem da produção historiográfica chegando a ser considerado um “gênero menor”, por estar muito ligado a uma concepção tradicional da história: àquela que atribui ao indivíduo o fazer da história. Atualmente, no entanto, observa-se um retorno das biografias históricas, constituindo-se num campo fértil de produções inovadoras. Para Schmidt, o retorno da biografia no cenário da historiografia contemporânea,

não significa simplesmente a retomada de um gênero velho, mas está inserido em um processo de profunda transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina, com um conseqüente repensar de questões clássicas como: a relação indivíduo/sociedade, as formas narrativas do conhecimento histórico, entre outras (Schmidt, 2000, p. 51).

O nome que norteia este estudo é o de um imigrante italiano, enólogo-viticultor de profissão. Celeste Gobbato tinha 22 anos de idade quando deixou a Itália rumo ao Brasil, em 1912, para ser professor da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ele trouxe consigo, além do conhecimento adquirido na Universidade de Pisa, a experiência familiar com as questões da terra, já que era filho de proprietários de terra em Volpago del Montello.

A vinda de Gobbato e de outros especialistas estrangeiros para o Rio Grande do Sul está associada à preocupação do governo em racionalizar a atividade policultora que se expandia pelo Brasil. No Rio Grande do Sul essa atividade foi levada a efeito especialmente pelo colono europeu. O *status* de “celeiro do Brasil” forçava o governo gaúcho a uma remodelação de suas práticas produtivas. Aprimorar cultivos com a introdução de tecnologias modernas e qualificar a mão-de-obra rural com o ensino técnico profissionalizante eram desafios da época. Em solo gaúcho, a Escola de

Engenharia de Porto Alegre, fundada em 1896, foi em grande parte responsável por essa nova conduta. Nesse tempo eram escassos os professores especialistas e, por isso, a procura por profissionais estrangeiros. Registros sobre a Escola demonstram que desde o início se optou por um estabelecimento de caráter prático, como forma de ver atendidas as necessidades da comunidade e região. Devido ao caráter prático e à própria expansão da instituição, foram contratados diversos técnicos e professores estrangeiros, especialmente da Alemanha, Estados Unidos, França e Itália. A Itália era o país que possuía as melhores escolas de enologia e viticultura da época.

Gobbato fora contratado pela Escola de Engenharia para servir ao Instituto de Agronomia e Veterinária, criado em 1910, situado no hoje município de Viamão. Anexos ao Instituto estavam a recém-criada Estação Experimental, que ele chefiou de 1917 a 1924, e o curso de Capatazes Rurais, onde lecionou diversas disciplinas.

Gobbato chegou ao Rio Grande do Sul quando praticamente tudo estava por ser feito em relação aos melhoramentos na agricultura. Verificou *in loco* as práticas que então eram adotadas por agricultores e criadores, ensinando, apontando sugestões, traçando diagnósticos. Sempre muito ocupado, o professor ainda encontrava tempo para escrever. Dedicou muito tempo de sua vida a escrever, chegando ao ponto de manter uma cama em seu escritório. Varava a noite lendo e escrevendo.<sup>2</sup>

Um dos trabalhos práticos mais significativos da carreira de Gobbato na Escola de Engenharia foi o de professor ambulante. Tornou-se conhecido e “popular” entre agricultores, fazendeiros e industrialistas gaúchos em função de ter chefiado o Ensino Ambulante de Agricultura do Instituto Borges de Medeiros a partir de 1921.

Em suas andanças como professor ambulante instruía lavradores e colonos para um melhor aproveitamento da terra, acompanhava a implantação de novas tecnologias, apontava as culturas mais convenientes a determinadas regiões, mostrava como combater com eficácia as pragas da lavoura. As visitas de Gobbato pelo interior do Estado geralmente eram noticiadas pelos jornais locais. Em certa ocasião, em apenas três dias, ele percorreu

boa parte dos municípios de Santa Cruz, Venâncio Aires, Cachoeira do Sul, Santa Maria e Júlio de Castilhos, principalmente as localidades produtoras de fumo, distribuindo gratuitamente sementes das variedades Sary (chinesa), Virgínia, Brighth e Kentucki, realizando palestras práticas sobre essa cultura e outras conforme as zonas percorridas (*Correio do Povo*, 31/7/1923).

Outra faceta da atuação de Gobbato inclui a produção de inúmeros artigos e livros técnicos. Sua produção é bastante significativa e tem uma longa história. Ele só parou de escrever quando a doença, que o acometeu aos 64 anos, não mais o permitiu. Ao chegar no Brasil, ainda jovem, já havia produzido artigos para a revista da *Scuola de Conegliano*, como um importante estudo sobre a região onde nasceu, intitulado *Dell’Agricoltura Montelliana* (1911).

A agricultura em geral, mas a vitivinicultura de forma predominante, foi o tema principal da produção intelectual de Gobbato ao longo de sua vida. Ele escreveu pelo menos três obras fundamentais sobre a vitivinicultura brasileira: o *manual prático de viticultura*, que foi sem dúvida o estudo mais importante de Gobbato, publicado em 1914 e reeditado em 1922, 1930 e 1942, sendo uma fonte básica para quem se ocupa dessa temática, chegando a ser considerada a “bíblia” dos produtores de uva e vinho do Rio Grande do Sul (Paz; Baldisseroto, 1997, p. 40); *A cultura da vinha* (1924) e o *ABC do viticultor brasileiro* (1945).

Ele foi enólogo reconhecido e, também, um erudito. Sua obra sobre a vitivinicultura, no entanto, se anunciava mais como fruto da experiência do que da erudição. A observação de Virgílio, “Bacco ama as colinas”, é destaque nos textos de Gobbato quando ele analisa as condições de Caxias do Sul para a cultura de vides. Homem culto, cita com propriedade fontes eruditas, Plínio, Bacco. Lembrando Sócrates, compartilha com o filósofo a idéia de que a agricultura é “mãe e nutriz de todas as demais artes”.

Em *Manual prático de viticultura*, Gobbato traz um estudo sistemático sobre a viticultura brasileira. Na sua visão, o Brasil apresenta regiões com condições naturais perfeitas para a produção da viticultura, como o Rio Grande do Sul, embora ele, incansavelmente, tenha alertado para a importância da qualidade das vides na formação de um bom mercado que pudesse libertar o País da importação do vinho. Insistia na idéia de que além da uva e do vinho, uma série de outros produtos secundários poderiam ser aproveitáveis tanto como utilidade imediata como para gerar lucro aos produtores. Demonstrava que,

do bagaço pode-se extrair aguardente, cremor tártaro, óleo de caroço, álcool, ácido tartárico, ácido enotânico, enocionina, podendo ainda servir para preparar segundos vinhos, que cuidadosamente fabricados, chegam a se confundir com o vinho flor. Por último, os resíduos dos engaços da casca, da borra empregam-se como estrume. O mosto serve à confecção de doces, para o fabrico de líquidos doces não alcoólicos, e o vinho para fazer vermouth, cognac, outras bebidas e vinagre. Da videira se tira lenha com a poda seca, forragem com poda verde, e até papel dos sarmentos. (Gobbato, 1914, p. 13).

Os estudos de Gobbato revelaram que o clima de Caxias do Sul nada deixa a desejar ao de Bordeaux, região francesa, considerado um dos melhores do mundo. Assim, acreditava que Caxias poderia produzir excelentes vinhos nacionais. O tipo de terreno também contribuiu para o sucesso da viticultura. O terreno inclinado é ideal para o cultivo da vinha, pois leva mais luz, mais calor e mais permeabilidade aos fluidos. De fato, em 1883 o vinho desponta como um dos principais produtos da economia local. Em 1892, já era o principal produto da região colonial italiana.

Gobbato não se cansou de defender o cultivo de castas européias como fundamento para uma boa qualidade de vinho que pudesse concorrer no mercado nacional. Sua grande luta foi contra o cultivo da Izabel, que embora de menor qualidade em comparação às castas européias, possibilitou o surto vitivinícola na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Na vitivinicultura rio-grandense, dizia ele, “predominam as vinhas Izabel, Concor, Goethe e outras, cuja uva, se é inferior para mesa, menos apropriada é para a preparação de vinho.”

É no prefácio da primeira edição do *Manual prático* que Gobbato revela os motivos que o levaram a escrever a obra:

A presente crise vinícola, devida essencialmente à cultura da vide Izabel, a visita aos vinhedos dos Municípios deste Estado, e o estudo das condições climatérico-telúricas das regiões respectivas, despertam-nos o desejo, pensando satisfazer necessidade inadiável de que o Rio Grande do Sul será em breve tempo a cantina do Brasil, nos encorajou a resumir neste tratado as noções fundamentais de ampelotecnia com o intuito de auxiliar os viticultores ainda rudimentares, a estimular outros agricultores a difundir a lucrativa cultura da vinha.

As oportunidades para divulgar as sugestões de melhoria na produção de uva eram inúmeras para Celeste Gobbato. O fórum ideal para isso, por atrair uma multidão de pessoas, eram as Festas da Uva. Na edição de 1937, conforme consta nos Anais do evento, Gobbato faz um apelo veemente, e volta a insistir:

Colono, dedica tua atividade vitícola ao plantio de castas européias. Somente delas poderá esperar a produção de vinhos finos. Colono, não esqueças que cada pé de Izabel de nova plantação concorrerá para desvalorizar tua vindima e contribuirá para agravar ainda mais a crise vitivinícola rio-grandense. Não debes plantar mais um pé de Izabel, de Concor, de Marta e Evellon. A salvação da vitivinicultura rio-grandense consiste na produção de vinhos finos.

Mas, por que Gobbato repudiava o cultivo da Izabel? É ele próprio quem responde.

Devemos começar por eliminar absolutamente a Izabel que nunca produzirá bom vinho de pasto, porque é uva muito rica de ácidos, de substâncias azotadas, pobre de açúcar, causas da sua pouca conservação, desprendendo o aroma e sabor característicos de foxi ou avolpinado que fazem com que os apreciadores da excelente bebida lhe rejeitem o vinho. A posição em que está a Izabel no estado atual da viticultura rio-grandense, quase exclusivamente dela formada explica a difusão do comércio do seu vinho na capital federal, S. Paulo, Santa Catarina e outros lugares. É quase a única vide nacional e seu vinho, nada bom, somente é bebido por causa da conveniência econômica que oferece sobre o preço dos congêneres vinhos da Europa! Mas no dia em que neste Estado se estenderem as vinhas do velho Mundo a que condições não ficarão reduzidos os produtores do vinho Izabel! A sua cultura tras-lhesia, indubitavelmente, o desastre financeiro!

Na avaliação do enólogo caxiense Jaime Lovatel, os ensinamentos de Gobbato continuam extremamente atuais, na medida em que seus ideais ainda estão por ser concretizados, embora o cultivo da uva e a fabricação do vinho tenham evoluído muito nos últimos anos. Observa que, na viticultura brasileira, ainda hoje, predomina a Izabel. Os vinhedos rio-grandenses são compostos por 80% de Izabel e apenas 20% de castas européias. Os vinhedos, diz o enólogo, formam um verdadeiro mosaico de variedades. São cultivadas muitas variedades num mesmo terreno, fato que Gobbato considerava um erro gravíssimo (depoimento à autora).

Os colonos, por sua vez, não ousavam deixar de produzir a Izabel, pois a sua rusticidade era garantia de uma boa produção. Os colonos, diz o enólogo Honofre Pimentel, sempre gostaram de plantar variedades de grande produção, o que não acontece com as uvas finas. Além do mais, garante ele, havia quem realmente gostasse de comer um bom cacho de Izabel e também tomar o seu vinho, como até hoje (depoimento à autora).

Celeste Gobbato foi um profissional requisitado e, mesmo estando em casa, recebia estudantes e agricultores que lhe pediam conselhos. Ler e escrever era sua vida, lembra sua filha Lydia. Escrever sobre as questões da agricultura era sua grande paixão. Ela conta que, à noite, acompanhado de cigarros e “chafé”, um café aguado que era esquentado na espiriteira, ele escrevia muito, até tarde. “Meu pai varava a noite estudando e escrevendo, e por isso, mantinha no seu escritório, uma cama.” Gobbato apresentava, portanto, uma relação obsessiva com o trabalho, uma característica marcante da cultura italiana.

Por mais de trinta e cinco anos foi colaborador da seção agrícola do jornal *Correio do Povo* sendo ainda editor-colaborador da revista *Egatéa*, publicada pela Escola de Engenharia, a partir de 1914.

A *Egatéa* se tornou um veículo de divulgação e consulta tanto nos meios rurais quanto nos universitários. Quando Gobbato assume a direção da revista, em 1920, empreende uma remodelação em seu formato, com a inclusão de novas seções “tornando-a um magazine de utilidades práticas não somente para o cientista, mas também para o mais modesto agricultor [...]”. A partir de 1922, por sua iniciativa, a seção *Notas Rurais e Domésticas* vinha acompanhada de tradução em italiano e alemão, o que facilitava sua divulgação nas colônias do Rio Grande do Sul e mesmo no Exterior. Com um discurso portador de um significado prático, os problemas da fauna e da flora integravam-se no seu cotidiano.

A partir da observação dos artigos por ele produzidos, é possível apontar os aspectos que ele tentava valorizar, recuperar, construir e divulgar através de uma intensa produção cultural com objetivos eminentemente práticos voltados para o saneamento dos problemas existentes na agricultura e na pecuária gaúchas, que ele incansavelmente apontou e ajudou a combater.

As características que ao longo do tempo definiram a produção dos textos e a ação prática de Gobbato evidenciam que ele viveu para o trabalho procurando materializar em sua obra, como um todo, os males e atrasos da cultura do País do início do século XX. Gobbato tornou-se conhecido como homem que prezava seu ofício.

A vinculação entre Gobbato e a cultura do vinho permanece forte na história desse imigrante, que entre 1924 e 1928, teve um papel marcante na política caxiense, sendo eleito intendente desse município.

Corria o ano de 1922 e Gobbato continuava a exercer suas muitas funções na Escola de Engenharia e prosseguia escrevendo artigos para jornais e revistas. O momento político no Rio Grande do Sul era de intranquilidade. O Estado gaúcho se via em meio à campanha eleitoral mais acirrada da República Velha. Disputavam a presidência do Estado o republicano Borges de Medeiros, que se candidatou para o quinto mandato, e Assis Brasil, que ao lado dos libertadores, empenhava-se em tirar Borges e o PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) do poder político estadual.

A admiração de Gobbato por Assis Brasil, a quem se referia como *mestre da agricultura*, levou-o a convidá-lo a prefaciá-la segunda edição do *Manual prático*. No entanto, as palavras de Assis Brasil só se fizeram presente na edição de 1930. A justificativa de Gobbato foi que o texto chegou em suas mãos tarde demais, somente depois de ter sido iniciada a distribuição.

No entanto, pode-se especular em torno de outro motivo. Em plena campanha política, Borges de Medeiros contava com o apoio explícito de membros da Escola de Engenharia, cujos nomes figuravam em cargos eletivos em nível federal. João Vespúcio de Abreu e Silva era senador da República, assim como João Simplício Alves de Carvalho, representante do PRR na Câmara dos Deputados, ambos fundadores da Escola e adeptos da doutrina positivista. Nessa situação, seria conveniente para a instituição de ensino que um de seus mais prestigiados professores mostrasse simpatia pelo candidato opositor, justamente num momento tão delicado da política rio-grandense?

Realizada a eleição em 25 de novembro de 1922, Borges de Medeiros foi declarado vencedor em meio a protestos dos adversários que sustentavam que Borges não havia atingido os votos de três quartos do eleitorado, como previa a Constituição rio-grandense, em caso de reeleição.

No dia de sua posse, Borges declarou: “A vitória foi completa, o inimigo tombou.” Porém, não era bem esse o entendimento, e no mesmo dia, teve início uma série de levantes regionais, espalhados pelo interior, que deram origem à Revolução de 1923.

Em Caxias do Sul, o resultado das eleições para os republicanos foi desastroso. A oposição obteve 756 votos a seu favor. Caxias foi o município onde a oposição obteve maior diferença de votos. A zona colonial, com Caxias à frente, contribuiu para que fossem eleitos no primeiro distrito três deputados da oposição: Wenceslau Escobar, Plínio Casado e Lafayette Cruz. Referindo-se a Monsenhor Meneguzzi, pároco da cidade, o jornal local *O Brasil*, órgão do PRR, justificava a derrota noticiando que

apesar de haverem intervido no pleito elementos cuja ascendência moral sobre os colonos é notável, pelo notório fanatismo de que eles são possuídos, [...] diante de vários fatores daquela ordem que contribuíram para que o elemento colonial fosse engazopado mais uma vez, o resultado para os republicanos não foi decepcionante, ainda mais atendendo-se a que os libertadores locais haviam prometido ao Sr. Assis Brasil 2.500 votos! (*O Brasil*, 10/5/1924).

O resultado da eleição mostra que em Caxias havia se formado um foco de oposição significativo ao governo de Borges de Medeiros. Na “Pérola das Colônias” o grupo de colonos italianos fazia-se presente no cenário político gaúcho como uma ameaça à hegemonia do PRR local. O próximo desafio para os republicanos seria a renovação da administração municipal.

Preocupados com a situação em Caxias, elementos políticos de destaque da cidade haviam solicitado a ajuda de Borges no sentido de organizar a nova administração do município, *visando aos interesses da zona*



*colonial e a apaziguação dos espíritos ainda latentes.* Para atender aos apelos, Borges enviou para Caxias como seu delegado, Otávio Rocha, que segundo *O Brasil* “deveria auscultar os sentimentos da maioria dos nossos amigos e dos homens de responsabilidade local.”

O PRR local, através do Centro Republicano criado há pouco mais de um ano, e com o apoio de Otávio Rocha, tratou da formação da Comissão de Propaganda Eleitoral que ficou constituída de 39 membros, sendo a maioria comerciantes e industrialistas de destaque na cidade, como Adelino Sassi, Abramo Eberle, Miguel Muratore, David Andrezza e Ettore Pezzi. Nesse meio tempo, notícias sobre a publicação do folheto *Cultura da vinha*, de autoria de Gobbato, chegavam a Caxias. Para *O Brasil*, o professor da Escola de Engenharia de Porto Alegre “sempre tratou com proficiência e carinho da viti-vinicultura, assunto de real interesse, especialmente para a nossa região”. Pouco depois, noticiava o mesmo jornal que a Escola de Engenharia de Porto Alegre

acaba de incumbir o hábil professor Dr. Celeste Gobbato de visitar os principais estabelecimentos deste município, para ministrar aos respectivos proprietários instruções acerca da cultura da videira e do preparo do vinho. [...]. Basta dizer que dela ficou incumbida o Dr. Celeste Gobbato para que se possa avaliar os resultados que seguramente advirão para a nossa indústria vinícola. O Dr. Gobbato é autor do Manual do Viticultor Brasileiro, baseado em estudos feitos pelo autor em nosso meio agrícola e industrial. (*O Brasil*, 11/03/1924).

“É deste modo”, continuava o jornal, “sem lençõs encarnados e sem exibições grotescas, que se há de impulsionar o progresso do Rio Grande e salvá-lo de cair em pior situação” (*O Brasil*, 11/3/1924).

Iniciavam-se as articulações políticas para a campanha intencional em Caxias, cujas eleições deveriam ocorrer em 12 de agosto. Já na próxima ida de Otávio Rocha a Caxias, estava acompanhado de Celeste Gobbato, que, a essas alturas, já era o nome do PRR indicado para o cargo de intendente.

O nome de Gobbato, que até aquele momento aparecia nos jornais vinculado à Escola de Engenharia, agora surge comprometido com o PRR:

Conforme está já no conhecimento do público, a convite de influentes proceres do nosso partido vieram a esta cidade, a fim de tratarem do problema da sucessão intencional deste município, os nossos ilustres amigos dr. Otávio Rocha e dr. Celeste Gobbato, aquele como representante do egrégio chefe do nosso partido, dr. Borges de Medeiros” (*O Brasil*, 11/4/1924).

Otávio Rocha foi homem de confiança de Borges e responsável pelo encaminhamento da sucessão em Caxias. Em reunião da Comissão de Propaganda Eleitoral, houve um acordo entre republicanos e o grupo de dissidentes filiados à Aliança Libertadora Caxiense, formando-se uma “chapa de conciliação”, que ficou assim constituída: para intendente Celeste Gobbato, professor de Agronomia; para vice-intendente Abramo Eberle, industrialista; para conselheiros Orestes Manfro, industrialista; Armando Antunes, industrialista; Angelo Antonello, comerciante; Alexandre Zaniol, comerciante; Antônio Pieruccini, industrialista; Angelo de Carli, comerciante e Leonel Mosele, industrialista.

Embora até este momento o nome de Gobbato jamais tenha sido lembrado como membro de qualquer agremiação política, seu vínculo com a Escola de Engenharia, com o *Correio do Povo*, com os agricultores gaúchos, especialmente entre a comunidade italiana, e aqui o fato de Gobbato ser italiano pesou a seu favor, além do bom relacionamento que tinha com Assis Brasil, fazia com que ele significasse um nome de consenso num momento atribulado da política rio-grandense. Além desses fatores, por ser católico, Gobbato angariou simpatias do clero local já que uma parte da elite católica julgava que Borges de Medeiros, por ser um acirrado defensor da teoria positivista, era um inimigo da religião cristã.

No primeiro discurso realizado por Gobbato antes das eleições, ele mostra que entre suas ambições não constava a carreira política:

Longe, muito longe de mim, meus senhores, estava a idéia de poder ser um dia escolhido para candidato a intendente de qualquer que fosse a localidade. Minha vida exclusivamente ocupada na solução dos problemas agrícolas, lidando no campo, no livro, colhendo aqui o fruto da experiência para ali divulgá-lo entre agricultores[...] incansável para responder às numerosas consultas que de todo o Rio Grande chegavam às minhas mãos; minha vida jamais pensou que pudesse chegar um momento em que ela fosse chamada à possibilidade de ocupar cargo tão elevado e tão grave, como o que o povo de Caxias parece desejar confiar-me com o próximo pleito de 12 de agosto.

Diz ter recebido convites de “ambas as facções nas quais estava dividida Caxias”, mas optou por aceitar o convite de Otávio Rocha, “leal amigo de Caxias e da colônia italiana, que [...] me convidara para candidato de conciliação ao cargo de intendente de Caxias”.

Gobbato chegou a utilizar a palavra “sacrifício” para caracterizar a sua opção em deixar a carreira técnica, que ele dizia amar, para assumir um cargo executivo na política rio-grandense. Definindo o lema da futura

administração municipal, Gobbato mostra que está em plena sintonia com os ideais positivistas: “Tudo pela paz, pela ordem e pelo progresso. Somente sob esta bandeira”, dizia ele, “serão recompensados, e de sobejo, os sacrifícios de deixar nossos afazeres e nossa carreira técnica que tanto amamos.” Em relação a esse episódio da vida de Gobbato, sua filha é categórica: “Foi o Borges quem mandou meu pai pra Caxias”.

Gobbato seria o homem capaz de atenuar as tensões políticas em Caxias pelos seguintes motivos: era um italiano, ou seja, “falaria a mesma língua da comunidade”; era um conhecedor das questões agrícolas, o que angariava simpatias dos colonos descontentes (a penetração de Gobbato na zona rural mostra-se fundamental); dizia-se católico, o que agradava a elite católica e a própria população e, finalmente, o fato de ser um candidato de consenso, agradando as duas facções envolvidas no processo eleitoral.

Portanto, o caminho que leva Celeste Gobbato de produtor cultural a administrador do mais alto cargo público do município de Caxias é revelador daquilo que Norbert Elias (Elias, 1994, p. 51) chama “raciocínio veleitário”, referindo-se à “crença no poder ilimitado de indivíduos isolados sobre o curso da história”. Para esse autor, “A influência de uma pessoa sobre as outras, sua importância para elas, pode ser especialmente grande, mas a autonomia da rede em que ela atua é incomparavelmente mais forte”.

## Notas

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta uma versão reduzida da dissertação de Mestrado defendida em setembro de 2001 na PUC/RS, sob o título *Um italiano irrequeto no contexto revolucionário: um estudo sobre a trajetória de Celeste Gobbato no Rio Grande do Sul, 1912-1924*.

<sup>2</sup> Os depoimentos de Lydia Gobbato, filha de Celeste Gobbato, representam uma fonte inédita para este estudo o que possibilitou observações originais sobre questões mais pessoais de sua vida.

## Referências bibliográficas

---

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

PAZ, Ivoni N; BALDISSEROTTO, Isabel. *A estação do vinho: História da*

Estação Experimental de Viticultura e Enologia – EEVE- 1921-1990 – Caxias do Sul. Caxias do Sul: Educ, 1997.

SCHMIDT, Benito B. (Org). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

